

## A psicanálise e o poder

Antônio Carlos Caires Araújo. Médico, Cremeb: 2962 e Psicanalista.

Costumo dizer e a repetir o que eu digo, quando por oportuno encontro-me em uma inserção como esta de falar entre psicanalistas sobre o poder, que considero um tema que remete a ética na psicanálise. Por razão óbvia devo agradecer o mérito por estar aqui neste meio, pois vocês detêm o poder de avaliar as minhas palavras e pelas quais a ética, responsabiliza-me. Assim posto, já me permite enunciar por minha própria conta e risco o que eu aprendi na prática que eu exerço que, em psicanálise, a clínica psicanalítica não cursa sem a incidência da ética.

O que aponto no início da minha fala sobre o que eu costumo dizer e repetir é, que neste campo epigrafado da ética, na psicanálise em especial, por onde se privilegia a palavra, o poder, o exercício do poder, é por saber não exercê-lo. Embora se saiba que este exercício teve seu estofo inaugural no discurso do mestre, que foi regido desde então por um senhor no lugar do mestre, que sem dúvida agencia e legifera o poder ao outorgar o édito. Poder que chega a psicanálise pelo o discurso do inconsciente, que nunca escondeu suas vias reais, suas coordenadas no todo poderoso principio do prazer na busca do encontro no Bem Supremo, em Aristóteles e A Coisa em S. Freud.

O imperativo que se aponta no começo de uma análise é para se falar, livremente e sem amarras e eis que o pobre falante esbarra no branco da sua fragmentária história e cala por nada mais ter a dizer. Supõe-se que isso se deve pelo que se disse deixar faltar o liame inerente ao suplemento associativo na palavra que re-encadeie a fala pela via do discurso. Mas se este suplemento for deixado em silente suspense e isto, der indícios, que há algo no ar e surpreendente para ser revelado. O senhor da iminente revelação receberá o mântico poder, com o qual se ascende diante do pobre falante ao lugar da autoridade, que adquire quem detém a palavra reveladora e será considerado suposto saber interpretar, melhor, adivinhar o oculto no qual o sujeito da fala está refém. Este dom de saber interpretar será repassado por atribuição à pessoa do analista — se há análise —, por transferência de um saber suposto, sob a égide do logos de um discurso inconsciente, que gira do discurso da histeria ao discurso do analista Quando o objeto **a** ganha status de poder na psicanálise.

Na sinopse proposta ao tema, observei de relance que das figuras ilustres apresentadas, a de A. Adler com o seu “protesto masculino” embora associe à vontade de poder, mas ao recusar o complexo de castração e seu correlato freudiano, por onde considero advir o poder na psicanálise, vejo que ele se desvia do alvo da nossa mirada.

F. Hegel, este por sua dialética, é certo que privilegia o logos, mas aqui veio por destacar o enquadre formal da posição de prestígio, ou seja, o poder ganho por colocar em risco o gozo da vida e será por não se arriscar, que faz o escravo ser o sujeito ao engendrar o senhor na imanência deste poder desafiador de dominação e que lhe determine na posição de escravo. Dá-nos com isso a indicação de uma posição de poder que é a do senhor no lugar de domínio e de maestria. Assim, legou-nos o molde para o discurso do mestre e o mais interessante, irônico até, é que este discurso ao coincidir com o discurso do inconsciente e, repito que foi ele que nos deu o modelo, irá subverter a sua hegemônica teoria da consciência de si mesmo e de todo o saber. Ironia, posto que o discurso do inconsciente, na amostra acima, começa a girar ao configurar que há um saber que ainda não se sabe.

M. Klein vale-se do poder enquanto tal, imaginário. Ao jogar com os pequenos objetos, que foram projetados e que a criança por sua fantasia reparadora deverá restituir ao corpo do grande Outro. Isto na sua prática é feito com o jogo lúdico com aqueles pequenos objetos, os trezinhos e etc. Ao modelo imaginado no símbolo do falo enquanto órgão, mais um dos objetos parciais, que ao restituir ao corpo do grande Outro, este se totalizaria pelo o poder fantástico da criança ao recompor o corpo da mãe na realidade parental circunstanciada.

Nietzsche é muito bem vindo, não só pelo o grifo da vontade de poder do homem e sim, muito mais por ajudar a demolir o poder mítico teúrgico com o brandir d' outro grifo seu: Deus está morto!...Que depois se seguiu com “Deus é inconsciente”. Mas se quisermos conhecer as formas de se desmitificar o poder que foi originalmente trazido com a tragédia edípica para formatar a psicanálise, teremos que buscar a episteme de Michel Foucault em a “Verdade e as Formas Jurídicas”. Por onde demonstra que não é tanto a verdade que está em jogo nesta tragédia e sim, o exercício do poder.

A partir desta leitura, interessei-me e retirei-lhe as aspas — por considerar que este tema poder e psicanálise não são antinômicos e sim atinentes —, no que acordo com o que diz o folder-convite ao que julgo, faz corresponder o poder ao falo ou por sua identificação ao objeto do desejo da mãe: ser-lhe o falo! O cuidado que eu devo ter é que ao ler, não negligencie o caráter da visada relevada por Freud na sua “organização genital infantil”. Sua visada do falo é terceirizada, mais acentuadamente simbólica, que dualizada e imaginária. Pois, mesmo nesta, o objeto inexistente ou só se figura fugaz, negativamente e enquanto na primeira é por desaparecer acompanhado pela ausência de uma presença. Algo sempre velado, evanescente!

A primazia fálica é dada com o surgimento de um terceiro elemento, digo que é de caráter um tanto enigmático e *agalmático* entre mãe e filho; o falo. Ou seja, por este falho,

permitam-me a assonância dos termos, pois o que tenho a dizer-lhes a seguir é que por esta falha é que se re-significa a falta na perda do seio, das fezes e etc. O complexo de castração que nos ensinou Freud é que o falo surge por uma falha, uma falta, negaceada pelo o objeto suposto e que a mãe não o tem, senão pelo o chamariz da ação caprichosa do seu desejo. Ouso dizer que essa ação caprichosa do desejo da mãe (DM) fora a fonte na qual o ser desamparado se ver refletido no ideal dos mais altos desígnios morais e por onde se fomenta a vontade de poder do homem.

Entendo ainda, que esta marca fálica idêntica ao ser irá se submergir no original recalque e será por ai, que ao retornar na falta – a – ser, inerente a dúvida, pela qual se subordinará por sua inefável existência, a ser sujeito de uma fala, que o recoloca as voltas com o desejo do Outro, na ânsia incontida que este lhe dê as vias para existir no campo da fala e da linguagem, instaurando-se no privilégio da demanda para reintegrar-se ao desejo de ser reconhecido.

As impossibilidades para o sujeito se afirmar neste campo, leva-o a incoercível repetição de pedir, reclamar e apelar até à última instância para se fazer representar. Ao ver-se assim, encaminhado no privilegio de poder se articular à demanda do Outro. Inventava um modo de suprir a falta de resposta deste, com o que se ajusta ao que se deseja, agarra-se ao fantasma. Pois, o subsequente retorno no recalque não lhe dará toda a representação simbólica desejada. O que escapa do simbólico retorna no real, no melhor dos casos, na fantasia para o neurótico. Ou, mantém-se negaceado pelo suposto objeto, que o sonho da mulher do paciente de Lacan na Direção da Cura, bem demonstra. Ou, o caso Schreber: no empuxo à mulher é tão gritante!

Percebo a cada dia mais a importância desta descoberta freudiana da função do falo, principalmente na clínica da prática psicanalítica. Lacan situa esta função, assim como a previu Freud, como a chave do que é preciso saber para se prosseguir as análises e afirma que nenhum outro artifício a suprirá para se chegar a tal finalidade. Acrescenta que mesmo sendo Freud um homem de gabinete, soube ser um eminente clínico, apegado ao terra-a-terra do sofrimento humano do neurótico e por onde descobriu a paixão do homem em desejar vir a ser o falo. Paixão que se desborda da moral kantiana e é tão presente, marcante na passagem ao ato analítico.

A agudeza desconcertante da descoberta desta paixão foi o que o fez e ainda faz de Freud ser tão afrontado e até mesmo desconsiderado por seus próprios seguidores, inclusive os psicanalistas. Excetue-se a valiosíssima contribuição de J. Lacan com a retomada mais digna e precisa da obra freudiana, fixando de forma bem clara os seus conceitos. Principalmente com o texto da envergadura de a “Significação do Falo” por onde enuncia a

rigorosa estruturação dinâmica dos sintomas analisáveis nas neuroses, perversões e psicoses, que se dá pelo nó e “*ratio*” com que o falo, significante hiante faz advir o sujeito ao seu lugar. Prosseguiu com esta função fálica ao sustentá-la pela lógica proposicional, na qual este significante Phallus é o representante do poder na psicanálise: para todo o ser falante e não há ao menos um que o negue na existência.

Trago-lhes o fragmento de um caso que faz tratamento de poucos meses, pois talvez na base de casos clínicos a discussão poderá vir a ser mais fecunda. O sintoma deste Senhor se funda em iterativa pergunta perturbadora: **quem eu sou?** Inicia pelo o nome próprio e termina sem resposta e com o pavor que eu o ache louco! Conta haver vivido a angustia da morte, quando ainda bem jovem e hipocondríaco ao se perguntar: **o que eu tenho no meu corpo?** Um câncer, uma úlcera ou um mal à espera de ser achado? Em idade ainda mais precoce viveu o impacto no drama impressionante ao assistir sua mãe incorporar o espírito do preto velho, chamado pelo o mesmo nome que é o seu. Desesperava com tal espetáculo, mas seu pensamento não resistia o gosto em recordar reiteradamente a cena enigmática do seu drama.

Mantenha em mente a metáfora paterna, lembre o objeto metonímico do desejo caprichoso (vontade de gozo) da mãe em reter na função do falo, que o filho, o encarne. Pergunto-lhes este senhor está fisgado e quer ou não desempenhar esta função? Ainda mais quando não se observa, mesmo que fortuita a presença significativa do pai nuançar para ele, um ponto agalmático, que o detivesse ao seu tempo e permitido olhar para além deste DM e assim, incorporasse pela identificação a assunção do Nome do pai. Operando por esta natural transferência o poder, que espero repassar a este Senhor com o recurso da Lei que rege o seu inconsciente, que por sorte procura querer saber por uma resposta que coloque um basta às voltas, os ritornelos do seu pensamento com o desenfreado gozo sem lei e que possa inscrever o seu nome próprio neste lugar!

De volta à perspectiva anunciada, prossigo no traço a obra de J. Lacan sobre a incidência da ética na psicanálise e o poder que ela confere ao saber bem dizer o sinthoma. Nesta direção será preciso lembrar o que prenunciava de Agrigento, o filósofo Heráclito — sobre o poder em um tempo pré-socrático —; o *logos* dirige o acontecer no mundo, dizia ele, ratifico:que para nós, dirige o mundo da psicanálise, também: “Os poderes das palavras”, título de um Congresso Mundial de Psicanálise e que considero ser o real poder que herdamos do legado psicanalítico. E, por que será que os analistas (não, todos) que se assim se denominam, só usufruem desta herança legítima, às vezes e tão distraidamente?

A Direção da Cura e os Princípios do seu Poder; texto por demais conhecido de todos, foi escrito por J. Lacan em 1958, em forma de relatório para uma apresentação e naquele mesmo ano publicado na revista “La Psychanalyse”. Traduzido, foi lançado aqui em Salvador, em 1998 pela JZE. Escritos – Campo Freudiano no Brasil. Ressalto ser este o texto em comento, por razões bem claras, por inscrever no título os princípios do poder que está na direção da cura, logo entendo ser este poder ao nosso alcance, que se exerce na psicanálise.

Compõe o texto de cinco capítulos: o primeiro deles: Quem analisa hoje? Como sói a Lacan, faz uma descrição sinóptica de todo o conteúdo do que irá tratar nos quatros posteriores capítulos, armando-lhe a estrutura da organização ao colocar na berlinda, como ele próprio arremata, o psicanalista. Ao formular que neste empreendimento comum da análise, o paciente não é o único a pagar com sua quota. O analista também deve pagar: — pagar com suas palavras, se elas promovem transmutação pela operação analítica e as elevam ao efeito de interpretação. — mas pagar também com sua pessoa, pois ele a empresta como suporte aos fenômenos que a análise descobriu na transferência. — tem de pagar ainda mais com o que há no seu juízo de mais íntimo, ao intervir com sua **ação** ao que vai rumo ao âmago do ser.

Acompanhei as leituras comentadas destes capítulos na Escola da Causa Freudiana em Paris, entre os anos de 1985/86 e pude captar naquela ocasião uma leitura topológica deles, quando J. A. Miller representou-os pelos nós “*borromeanos*”. Assim descritos: as palavras transmutadas pela interpretação ocorreriam preferencialmente no registro do simbólico. Os fenômenos que a análise da transferência à pessoa do analista, passa-se no particular ao nível do imaginário. E pagar com uma ação do que se passa no âmago do seu ser (por sua falta a ser), se daria ao nível do estatuto do real. O derradeiro capítulo, “tomar o desejo ao pé da letra”, será o nó de amarração dos três registros: simbólico, imaginário e real. Se esta leitura for correta do desejo a letra, Lacan adivinhava o objeto **a** como o núcleo do poder na psicanálise.

Notadamente é pelo lado da interpretação que se observa o levantamento dos princípios do poder na direção da cura é o que Lacan deixa evidenciar, colocando a primazia no efeito significante da palavra dada na análise e por isso mesmo declara que o analista é menos livre naquilo que quer dominar na estratégia da transferência, na tática da interpretação, ou seja, em sua política e por isso deve agir não com o seu ser e sim, pela sua falta – a – ser. O que se quer dizer é que a escuta silenciosa, até mesmo reverente do analista é com o que ele ouve, são palavras e suas substâncias, não são matérias, menos ainda orgânicas. A substância extensa, ao tomar a palavra de Descartes, Lacan a estende ao corpo que virá a ser marcado pelo o significante, que o faz substantivo.

Faço este penúltimo parágrafo para situar o princípio do poder pela interpretação, mas como se sabe ela não faz acontecer por si só, seria “*verba volant*”. Não pega em “*scripta manent*” sem o advento da transferência para se fazer a abertura real do inconsciente, atualizado no qual o analista é parte. O princípio deste poder somente leva a uma solução ao saber não se servir dele ao ponto de não se deixar levar pela sugestão, que o exemplo do paciente de Ernst Kris, ficou com o apetite de uma solução mais digna.

. Queria concluir com um percurso pelo Seminário XVII O avesso da psicanálise, que se consignou como aquele que trata do poder na psicanálise, mas apenas indiquei ligeiramente por qual razão é assim considerado. Os discursos nos puxam para certa teorização ficcional e no escopo do estudo fui levado pela leitura da direção da cura para sentir ao nível dessa práxis, na operação da fala, o princípio do poder do analista, posto o que ele na psicanálise deve escutar, são palavras. Em qual registro está sua escuta: no imaginário, no simbólico ou no real?

Salvador, 02/09/10.